

Feridas abertas

Episódios de violência em locais públicos marcam a vida de homossexuais

DIEGO BARRETO
JEFFERSON LEMOS
MARCELE BESSA

“Não ter um dia em paz, sem que você não escute algo que te faça sentir-se mal. Seja na piadinha contada na esquina ou no personagem caricato da televisão, o preconceito está em todo o lugar como uma sombra”, afirma Alexandre Bortolini, 26, para quem enfrentar a discriminação já se tornou uma rotina, uma batalha pessoal, que ele vence dia após dia. Junto com seu companheiro Leandro Lopes, 30, Alexandre já perdeu a conta das vezes que precisou gritar por seus direitos. “Passamos por muitos momentos críticos: expulsão de bares e festas, e provocações na rua. O pior é que a maioria dos episódios de homofobia acontece com testemunhas, em locais movimentados e ninguém faz nada”. Entre os tantos episódios de violência, o casal não esquece de uma noite há três anos em que voltava da faculdade. Moradores do Cachambi, Zona Norte do Rio, os dois foram vítimas de agressões verbais e físicas, além de permanecerem sob a mira de um revólver e serem ameaçados de morte.

“Voltávamos da faculdade e subimos no ônibus 260 (Praça XV - Curicica) na Praça XV, e logo percebemos que um grupo de homens na faixa dos 25 anos, visivelmente alcoolizados também havia entrado no ônibus. Eles estavam mexendo com todos os passageiros, fazendo piadas e gracinhas até chegar perto de nós dois”, lembra Alexandre. “Quando nos viram começaram perguntar se éramos um casal. Depois de diversos insultos, um deles sentou no meu colo e ficou mandando que eu beijasse o Alexandre, o empurrei e disse que não gostava desse tipo de brincadeira”, conta Leandro.

Desse momento em diante, a zombaria transformou-se em violência física. “Quando o Leandro o empurrou, ele caiu no chão. Daí eles se alteraram e partiram pra cima da gente aos socos e pontapés. Não conseguimos reagir. Só tentamos nos proteger. Quando pensava que aquilo era o pior momento, um deles sacou uma arma e nos mandou descer do ônibus para termos uma conversa lá fora. Nesse momento, pensei que seríamos mortos”, relembra Alexandre.

Uma blitz da Polícia Militar na Avenida Presidente Vargas, centro do Rio, salvou o casal de um possível desfecho ainda mais trágico. “Após o ônibus ser parado pelos policiais na

blitz, eles pararam de nos agredir. O homem que estava armado disse que também era policial. A “turma do deixa disso” pediu que déssemos o episódio por encerrado, mas resolvemos ir até o fim e fomos registrar tudo na delegacia”, relembra Alexandre. Após abertura de inquérito, dois dos agressores responderam criminalmente e foram condenados a pagar 300 cestas básicas a instituições de caridade.

Apesar da punição branda dos agressores, o casal se diz satisfeito por ter sido feita justiça. “Eles utilizaram a transação penal e não cumpriram pena privativa de liberdade, mas se não fizéssemos nada e ficasse tudo por isso mesmo, eles estariam livres para cometer novos crimes. Agora eles vão pensar duas vezes antes de agredir um homossexual”, conclui Leandro.

Poucos casos de violência são resolvidos

A atitude do casal, que registrou ocorrência em uma delegacia, não é a mesma na maioria dos casos de violência contra homossexuais. Segundo Yone Lindgreh, coordenadora do Centro de Referência Contra a Violência e Discriminação ao Homossexual (Cerconvidh-DDH) da Secretaria de Segurança Pública do Rio de Janeiro, poucos casos são levados adiante. “Muitas vezes a própria vítima tem medo de denunciar. Além disso, dentro de instituições públicas, infelizmente, ainda não há interesse em solucionar esses casos. Por isso é importante a vítima procurar apoio e ajuda para denunciar os agressores”. Dados do Relatório de Crimes Homofóbicos divulgado este ano pelo Grupo Gay da Bahia, mostram que menos de 10% dos autores de crimes contra homossexuais são condenados.

“Estávamos convencidos de que a luta contra a homofobia seria uma espécie de síntese... em sentido mais amplo, da nossa política de segurança”

Luiz Eduardo Soares, sociólogo e ex-secretário de Segurança RJ

Intolerância  Impunidade



Leandro e Alexandre (abaixo) estiveram sob a mira de uma arma durante viagem de ônibus

Eles clamam por justiça

Homossexuais mortos em locais públicos

Grace (sobrenome ignorado) – 30 anos, morta a tiros nas imediações da Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro (RJ) – 1992.

Luiz Carlos Santos, Roberto Sousa e José Torraca – 31, 20, 20 anos, os três foram assassinados ao mesmo tempo por uma rajada de fuzil em Madureira, Rio de Janeiro (RJ) – 1992.

José Márcio Almeida – 33 anos, apedrejado, espancado com pedaços de pau e amarrado a uma moto e arrastado pelas ruas do Centro de Marimondo (AL) – 2002

Marcos Paulo Oliveira - 26 anos, estrangulado e jogado no Canal do Coqueiro, no Parque Califórnia, em Campos (RJ) – 2002

Fonte GGB

ENTREVISTA com ADRIANA NUNAN

Mestre em psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Adriana Nunan, 31, nasceu nos EUA, possui dupla nacionalidade e é especializada em preconceito. Autora do livro: “Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo”, Nunan destaca o papel da mídia na redução do preconceito.



O São Gonçalo: A homossexualidade vem ganhando cada vez mais espaço na mídia. Isso contribui para diminuir a discriminação?

Adriana Nunan: “A mídia tem tido um papel importante na quebra de tabus relacionados ao homossexualismo. Importantes questões têm sido expostas e debatidas nos veículos de comunicação. Apesar disso, a mídia tem uma lógica de mercado e acaba por avançar somente até onde há espaço. Por isso podemos entender porque determinadas cenas, como beijos entre pessoas do mesmo sexo ainda não são veiculados”.

O São Gonçalo: A quebra dessas tabus já começa a causar uma transformação na visão da sociedade em relação à homossexualidade?

Adriana Nunan: “A discriminação ainda começa dentro da própria família, que por vezes reluta em aceitar um filho homossexual. A aceitação em casa é o primeiro passo para a quebra do preconceito na sociedade. Quando as pessoas percebem que os homossexuais são pessoas como todas as outras, o preconceito começa a ser vencido”.

O São Gonçalo: Um tema polêmico hoje são as terapias que buscam converter homossexuais em heterossexuais. Como a psicologia vê essa questão?

Adriana Nunan: “As chamadas terapias de conversão, que prometem transformar homossexuais em heterossexuais, não funcionam e muitas vezes chegam até a causar sérios problemas em quem é submetido a tal experiência. Existem casos de indivíduos que praticaram o suicídio após esse tipo de ‘tratamento’. O código do Conselho de Psicologia proíbe que este tipo de terapia seja aplicada. Infelizmente alguns profissionais, ainda cometem essa prática criminosa”.

O São Gonçalo: Quais seriam os instrumentos necessários para o fim da homofobia?

Adriana Nunan: “Quando falamos em minorias temos não só homossexuais, mas negros, índios, deficientes. No entanto no caso dos gays, lésbicas, bissexuais, o preconceito é mais aberto do que em relação às outras minorias. O preconceito contra negros, por exemplo, é crime inafiançável, o que coíbe sua prática, mas no caso do preconceito por conta da sexualidade não há crime, sendo este mais explícito. Acredito que se também fosse considerada crime, a discriminação contra GLBT’s diminuiria. Campanhas educacionais, que dessem cada vez mais visibilidade a causa homossexual seriam importantes instrumentos na transformação de conceitos sociais e amenização da discriminação e violência. Nesse sentido as paradas do orgulho gay cumprem bem seu papel”.

Marcado pelo preconceito

Dizem que a violência contra os homossexuais está na cara e só não vê quem não quer. O empresário R., de 45 anos, morador do bairro Brasilândia, em São Gonçalo, viveu literalmente essa realidade e traz no rosto as cicatrizes dessa violência. No dia 23 de agosto de 2003, ao ser visto beijando outro homem dentro de seu carro, foi brutalmente espancado e teve uma garrafa de cerveja quebrada em sua cabeça. Desmaiado, foi levado para o Hospital Universitário Antônio Pedro (Huap), na vizinha cidade de Niterói, onde só acordou no dia seguinte. Ao ver-se no espelho teve um susto, ao se deparar com uma cicatriz que ia da testa ao queixo.

“O corte foi profundo e precisei levar quarenta pontos. Hoje tenho vergonha de sair na rua e não vejo a hora de fazer uma cirurgia plástica”.

A agressão ocorreu na saída de uma festa na casa de um amigo, no bairro gonçalense do Porto da Pedra, próximo à quadra da Escola de Samba da cidade. “Lá, conheci um rapaz e para não causar constrangimentos, o chamei para o meu carro. Quando nos beijávamos, um grupo de pessoas que bebia cerveja nas proximidades começou a xingar dizendo que veado tinha mais é que morrer. Irritado, tentei revidar às ofensas, mas quando vi eles já tinham partido para cima de mim”, lembra.

Hoje, o empresário vê um conflito entre a religiosidade e o homossexualismo. “A gente ainda vê na TV muita gente dizer que nossa opção sexual é uma aberração. Isso só faz aumentar o preconceito”, afirma. “Não agüentava mais sofrer preconceito. As pessoas evitavam a minha companhia. Nas entrevistas de emprego, quando viam que eu era gay torciam o nariz. No prédio onde moro ninguém fala comigo, nem o porteiro. Comecei a achar que eu era anormal. Cheguei a me tornar religioso, pensando que fosse virar homem, mas não adiantou porque não era um problema espiritual que me fazia ser gay. Eu havia nascido assim”, desabafa.

O que deixa o empresário mais indignado é que numa cidade pobre sem nenhuma infra-estrutura, ninguém se mobilize para cobrar das autoridades obras de pavimentação e saneamento. “Mas facilmente se juntam para dar porrada num gay. A raiva da população acaba canalizada para o lado errado”, critica.

Para ele, a discriminação e a violência não se limitam à periferia. Na vizinha cidade de Niterói, que detém um dos maiores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) do estado, o empresário também foi vítima da intolerância. “Outro dia, fui a uma festa na casa de um amigo na Ilha da Conceição e quando vinha embora percebi que a pintura do meu carro estava toda arranhada. Riscaram a seguinte frase: ‘Gay..., sai fora’”.

Crimes homofóbicos no Rio de Janeiro

Entre 1999 e 2004, mais de mil casos de crimes contra homossexuais foram registrados pelo Centro de Referência Contra a Violência e Discriminação ao Homossexual (Cerconvidh-DDH) da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro.

Ano	Casos registrados	Crimes com maior incidência	
		Crime	Casos
1999:	119		
2000:	222		
2001:	178		
2002:	154	Discriminação:	240
2003:	140	Agressão Física:	131
2004:	190	Homicídios:	51

Amanhã: legislação começa a mudar realidade de preconceito